

A VOCAÇÃO DO PLANALTO CENTRAL DO BRASIL

FRANCIS RUELLAN

(Conferência realizada na Assembléa Geral do Conselho Nacional de Geografia, no dia 5 de julho de 1954)

INTRODUÇÃO

A vocação, em latim *vocatio*, é chambado da Providência, é o destino que ela reserva aos seres racionais. Como então falar-se da vocação de uma região natural, ou melhor de uma extensão onde predominam certos caracteres geográficos que lhe dão originalidade? É que esse espaço não é somente um conjunto territorial; o homem lhe deu um aspecto particular depois da descoberta do Brasil pelos portugueses e a formação de uma população brasileira.

Se então falamos de vocação, é porque o conjunto de feitos geográficos que constitui o Planalto Central não tem verdadeiramente sua significação, senão em função do homem. É um problema de geopolítica e de geo-economia que iremos tratar, mostrando porque e como o Planalto Central foi ocupado e desenvolvido pelos brasileiros, e quais são as possibilidades que ele reserva.

SITUAÇÃO

Há, de início, um problema de situação, ou se se preferir, de posição do Planalto Central na América do Sul, em geral, e mais particularmente no Brasil.

O fato essencial é que ele permaneceu, durante muito tempo, uma espécie de *no man's land*, entre os centros de colonização do litoral oriental e os primeiros es-

tabelecimentos, instalados com certa facilidade na Amazônia ao norte, e na bacia do alto Paraguai, ao Sul.

Ele não participou, como os altos planaltos andinos ou subandinos, do progresso das grandes civilizações indígenas, das quais ele se separa pela imensa floresta do Alto Amazonas, que vem, como se sabe, até a fronteira do Brasil e da Bolívia.

Não será demais insistir no isolamento criado pela grande floresta, reduzindo as possibilidades de acesso, para os que vêm da Amazônia ou dos altos planaltos andinos. As quedas e os rápidos impedem ou mesmo dificultam a navegação dos que procuram o Planalto Central vindos do norte e do oeste, aumentando ainda as dificuldades de acesso. Só a bacia do Alto Paraguai apresenta melhores condições, mas se acha situada numa espécie de fim de mundo em relação às colonizações da região do estuário do Prata.

Os rios do oeste não conduzem naturalmente ao Planalto Central. Nos primeiros tempos da descoberta e ainda em tempos mais recentes, as comunicações entre a bacia do Paraguai e a bacia do Amazonas se efetuaram por via fluvial contornando pelo oeste o Planalto Central.

Compreende-se desde logo que o Planalto Central do Brasil tenha permanecido durante tanto tempo como refúgio das populações indi-

NOTA — O presente trabalho não foi revisto pelo autor, resultando, além disso, de notas taquígráficas.

genas e que foram necessárias circunstâncias particulares para que o homem vindo do litoral pudesse facilmente se instalar.

SÃO PAULO E O PLANALTO CENTRAL

Para abordar sem dificuldades é mais fácil estar de pleno pé com ele. O centro de colonização que foi e que é ainda o mais favorável neste ponto de vista, é São Paulo. Pode-se dizer que desde o início de sua história, da qual se festeja neste momento o IV centenário, São Paulo começou sua vida sobre o Planalto a aproximadamente 750-800 metros de altitude, ficando admiravelmente situado para enviar para o interior expedições de descobrimento de homens e de riquezas. Os rios paulistas conduzem para o rio Paraná, ou seja, até o Planalto Central, em particular a famosa estrada de Anhembi, quer dizer do Tietê; espigões cobertos de campos facilitam a circulação para o interior. A grande irradiação de estradas de rodagem e ferrovias que partem hoje em dia de São Paulo tem suas precursoras nos caminhos seguidos pelos "bandeirantes" que se dirigiam para Goiás e Mato Grosso.

Nesta história, a descoberta de minas de ouro e de diamantes aluvionais, representaram outro elemento importante. Quem ia para o interior não voltava somente com escravos, mas com riquezas desejadas por todos. Os primeiros centros de colonização do Planalto Central foram, assim, aglomerações fundadas nas minas ou na vizinhança imediata das minas.

Pode-se dizer que, a partir desse momento, o destino do Planalto Central foi definitivamente traçado. Esse destino esteve inicialmente em relação com o Império Português e não com o Império Espanhol, graças ao grande poderio em que se tornou São Paulo, o Planalto se tornou através da história um país fortemente soldado às colônias portuguesas do litoral, que viriam constituir o Brasil. Não se creia apenas numa casualidade

São Paulo ter estado, mais que outra qualquer região do país, ligado à história do Planalto Central. A cidade está situada num ponto onde, quando se vem do norte, o Planalto Brasileiro toca no Atlântico sem obstáculo do grande escarpamento coberto de florestas, da Mantiqueira, e da fossa do rio Paraíba, como se vê, na região do Rio de Janeiro, sem falar de outro obstáculo, que é a Baixada Fluminense.

De Santos a São Paulo, uma vez passado o escarpamento da Serra do Mar, é sobre o Planalto e na direção do interior, tudo o que constitui "o sertão" dos primeiros colonizadores. Compara-se essa situação àquela que existe ao norte, pelos obstáculos da serra do Espinhaço e da Chapada Diamantina da zona semi-árida do São Francisco, sul do Piauí, e para N-W da grande floresta amazônica, se compreenderá porque o Planalto Central está verdadeiramente integrado na história da colonização brasileira, pela iniciativa dos paulistas e é a medida do progresso de São Paulo.

MINAS GERAIS E O PLANALTO

Não se pode, entretanto, crer que Minas Gerais não tenha contribuído para o conjunto dessa civilização. A medida que a grande região mediterrânea se firmava, por suas riquezas minerais, dirigia suas atenções para o Alto Tocantins, e ela participa ativamente, hoje em dia, no povoamento rural do Planalto Central.

AS POSSIBILIDADES

Se os brasileiros assim determinaram a vocação do Planalto Central, convém agora definir quais os meios que lhe reserva o Planalto por seu relevo, sua estrutura e seu clima.

A FORMA GERAL DO PLANALTO

O Planalto Central do Brasil, no sentido da palavra, cobre uma enorme superfície, que se estende

do vale do rio Grande e Paraná ao Sul, até onde surge a floresta amazônica ao norte, ou seja próximo a 12° latitude leste; ele tem por limite o vale do São Francisco, terminando a oeste pela extremidade da serra dos Parecis. Assim definido, ele ocupa mais de 16° de longitude, na faixa entre o paralelo de 11 e o de 16°.

Sua forma geral é a de um triângulo equilátero, no qual um dos lados estaria paralelo ao vale do Amazonas e o vértice ao sul de Ponta Porá.

OS LIMITES

Se se procurar definir uma altitude para os limites assim traçados, pode-se dizer que ele se encontra já bem definido a partir de 350-400 metros, mas seus caracteres mais acentuados se observam apenas acima de 600-700 metros. Deve-se acentuar bem o quão de arbitrário existe em tal delimitação, ao norte em particular, onde as partes do território, acima de 350-400 metros, são já frequentemente cobertas pela floresta amazônica, tanto quanto no fundo dos vales que rebaixam ainda mais as altitudes.

Ao sul mesmo, a passagem próxima ao Planalto de São Paulo e Paraná é progressiva. O que distingue, o que se pode atribuir ao Planalto Central nessa região, é o afastamento do litoral, e compreende-se o quanto há de arbitrário em semelhante atribuição. É certamente por motivos sobretudo históricos e políticos que se deixa o limite meridional ao vale do Paraná, apesar da profundidade atingida pela escavação do grande rio e da larga floresta fluvial que o acompanha.

Se se colocar agora a palavra Planalto Central em seu sentido restrito, ou seja, tomando-se apenas os territórios que ultrapassam 600-700 metros de altitude, diminui-se consideravelmente sua extensão. Ele não compreende mais, desde logo, que a região das cabeceiras do Paraná e do Paraguai ao sul, do São Francisco, do Tocan-

tins, do Araguaia, do Tapajós e do Xingu, ao norte, abrangendo os planaltos de mais de 600 a 700 metros, que se estendem entre as cabeceiras desses grandes vales, em particular, o grande espigão L-W, que vai de Formosa à chapada dos Parecis, onde o Planalto se abaixa a menos de 600 metros, e o grande espigão N-S, que se estende de São Gotardo a Formosa e até os Veadeiros. Há aí uma espécie de quadro de altas terras, que dominam todo o centro oriental da América do Sul, mas essas terras, não aparecem como um bastião isolado; elas têm, em todas as direções, passagens relativamente fáceis para os planaltos menos elevados, que se rebaixam em particular para N-W.

RELEVO

O relevo relativamente regular do Planalto Central se explica pela predominância de duas formas essenciais:

- 1) as superfícies de aplainamento;
- 2) os planaltos sedimentares, formados mais geralmente de arenitos.

Estas duas formas de relevo têm tal predominância, que se pode dizer, sem exagerar, que o Planalto Central do Brasil é essencialmente formado por grandes chapadas, tratando-se de chapadas devidas à erosão ou de chapadas devidas à sedimentação. Quando se está sobre esses planaltos, frequentemente pouco ondulados, tem-se a impressão de um espaço extraordinário e de uma liberdade de movimentos e de percursos que deslumbrou não somente os primeiros descobridores, à qual não puderam escapar os viajantes atuais. Aliás, nos que vieram implantar-se no Planalto se pressente, muitas vezes, a embriaguez da estepe e se entende assim que a população do Planalto tenha uma grande instabilidade, ainda mais, que ela sabe que, na direção do N-W, há outras terras a descobrir e a ocupar. Este

elemento do relevo, por conseguinte, atua essencialmente na vocação do Planalto Central; éle sugere a marcha para adiante, a marcha para o Oeste, como bem definiu o presidente Vargas.

Não há senão altos planaltos, que ultrapassam freqüentemente 1.000 e 1.100 metros; há também, envolvendo os grandes vales onde aparecem certas zonas de fontes, o que eu denomino um nível intermediário, mais ondulado do que o Planalto, onde se torna possível instalar habitações e fazer-se culturas.

Pois, aparecem os vales freqüentemente profundos, por vèzes flanqueados de terraços aluvionais terciários, ou mais recentes, quase sempre ocupados pela floresta-galeria ou a larga floresta justafluvial. Há sem dúvida, neste esquema, simplificações excessivas; precisaria definir, com mais pormenores, as grandes superfícies de aplainamento que se escalam e se encaixam desde 1.350 e 1.450 metros na chapada dos Veadeiros, ao centro, ou na serra da Canastra, ao sul, até o nível de 360-380 metros, que marca verdadeiramente o fim do Planalto Central. Entre esses dois extremos há superfícies de aplainamento de um valor particular, como a de 1.150-1.250 metros, que aparece no Alto São Francisco até o centro propriamente dito do Planalto Central e que atinge 1.300 metros de altitude em vários pontos do eixo da grande dobra de fundo transversal, que vai de Angra dos Reis a Pirenópolis, enquanto no Triângulo Mineiro ela abrange de 1.050 a 1.100 metros.

Pode-se colocar igualmente à parte o que nós chamamos de superfície de Belo Horizonte, encaixada na primeira, a qual está freqüentemente próxima de 900 metros, podendo alcançar 950 metros na zona das cabeceiras do Paraná, do São Francisco e do Tocantins, e que aparece também a 800 metros sobre o planalto de Goiânia, por exemplo.

As superfícies de aplainamento, menos elevadas, têm também um

papel considerável, sobretudo, ao norte do Planalto Central, na zona de transição para a Amazônia. Estamos longe, ainda, de conhecer bem tôdas, mas duas dentre elas a de 600-650 metros e a de 450-500 metros parecem ter uma grande importância antes de chegarmos à superfície final de 360-380 metros.

Em cima de tôdas essas superfícies de aplainamento, aparecem morros-testemunhos, *inselberg* e *monadnocks*, que são, freqüentemente, resíduos de ciclos anteriores. Os mais elevados ultrapassam 1.500 metros na chapada dos Veadeiros e 1.350 metros na serra dos Pirineus. São relevos fáceis de contornar pelas superfícies de aplainamento, que os circundam.

DIFERENÇAS COM O PLANALTO BRASILEIRO ORIENTAL

Pode-se dizer, sem dúvida, que não somente o Planalto Central, mas todo o Planalto Brasileiro é formado por grandes superfícies de aplainamento, onde se intercalam planaltos de sedimentação, éles mesmos freqüentemente modelados pelas superfícies de aplainamento, mas, há, como vemos, enormes diferenças. Ainda que grande parte da região oriental do Brasil esteja transformada, pela erosão, em um relevo pelo menos mamelonado, e muito freqüentemente montanhoso pela retomada de erosão vigorosa, provocada por movimentos de blocos falhados, e tornada mais acentuada pelas torrentes causadas por um clima úmido, as superfícies de aplainamento do Planalto Central continuam sua evolução para o adocamento das formas. Os depósitos sedimentares estão mais bem conservados que a leste. Essas superfícies de aplainamento não são atacadas senão pelos rebordos, que estão freqüentemente protegidos por uma crosta laterítica que se chama "canga". Têm, em consequência, um relevo muito mais calmo que sobre o litoral, o que explica precisamente essa impressão de continuidade dos grandes espaços ondulados, que é um dos traços característi-

cos do Planalto Central. Não se encontra a escultura de detalhe do planalto meridional de Minas Gerais, ou do oeste do Espírito Santo, que apresentam, muitas vezes, relevo tão atormentado que a vida e a circulação estão quase inteiramente refugiadas nos vales. Não há rudes caminhos de mula na montanha que obriguem a subidas e descidas freqüentes; mas há largas pistas que permitem o andar rápido e que estão, sobretudo, onde há bom solo de canga, fáceis de se transformar, hoje em dia, em estradas de automóveis. Os escarpamentos de cabeceira de vale, chamados "vãos" em Goiás e os contrafortes escarpados, chamados "trombas" em Mato Grosso, têm uma extensão limitada, ao norte principalmente, onde se desce por patamares até o Amazonas. Pode-se dizer, sem exagero, que por seu relevo o Planalto Central tem a vocação de uma grande região de comunicações.

ESTRUTURA

Na estrutura do Planalto Central uma divisão deve ser introduzida imediatamente, pelo contraste entre os afloramentos que dominam ao N-E do Planalto e ao S-W o eixo do grande bombeamento transversal que se estende de Angra dos Reis a Pirenópolis e que se prolonga ao W-N-W. Ao N-E deste eixo, temos um planalto de erosão, onde, na base, afloram muito comumente gnaisse a granito por um lado e, por outro, micaxisto, quartzito, filitos e diversos tipos de xistos; formando os micaxistos freqüentemente uma transição entre as duas formações. Observando-se a carta geológica dessa zona N-E, vê-se que domina o complexo granito-gnássico, mas em cada pesquisa que tivemos ocasião de fazer em Goiás ou Mato Grosso, pudemos mostrar que a parte dos quartzitos e dos filitos, da série de Minas, ou de séries equivalentes, atribuídas ao algonquiano, têm extensão muito maior do que se acredita. São essas rochas pré-devonianas que cortando

as superfícies de aplainamento e a cobertura sedimentar, não ocupam senão um espaço restrito. Tem-se freqüentemente tomado por um planalto sedimentar o que não é na realidade senão uma cobertura de couça laterítica ou canga, protegendo a superfície de aplainamento contra as retomadas de escavação vertical. Nessa zona N-E vêem-se, igualmente, aflorar formações que prolongam as séries dobradas do Alto São Francisco. O dobramento que afetou essas séries se prolongou, com efeito, da serra da Canastra até o N da chapada dos Veadeiros.

Quanto às séries puramente sedimentares, mais ou menos horizontais, elas se reduzem aqui, a muito pouca coisa: fragmentos de calcário atribuídos ao Siluriano, testemunhos de arenitos devonianos ou coberturas de arenito cretáceo.

É somente ao N que se vê reaparecerem os sedimentos do permocarbonífero.

O RELEVO APALACHIANO

Esta disposição dos afloramentos ao NE do grande bombeamento transversal demonstra uma predominância da estrutura dobrada, que abrange o gnaisse do complexo granito-gnássico, os micaxistos, os quartzitos e os filitos da série de Minas, atribuída ao algonquiano ou arenito, quartzito e ardósias e xistos arenosos, que são provavelmente do ordoviciano ou do siluriano. Estas são as formações que cortam as superfícies de aplainamento e que são, freqüentemente, protegidas pela couça laterítica ou canga e pela cobertura cretácea: assim, então, as retomadas de erosão verticais, todavia produziram numerosas epigenias, que deram um grande número de gargantas na passagem dos bancos de rochas duras. Essas gargantas são soleiras a montante das quais a erosão fluvial e as enxurradas modelam os epiciclos, ao mesmo tempo que fornecem uma adaptação da hidrografia aos ali-

nhamentos de rochas duras e de rochas tenras tendentes a produzir um relêvo apalachiano. Este fenômeno fornece excelentes sítios para barragens, tanto para as instalações hidrelétricas, quanto para irrigação durante a estação seca. Há, então, uma verdadeira vocação industrial dessa zona, mas, as conseqüências da estrutura que se observa são mais importantes ainda.

RIQUEZAS MINERAIS

Há, com efeito, nos filões de quartzito e de pegmatitos, que atravessam diversas formações dobradas, numerosos minérios ricos. O ouro e o diamante são conhecidos desde muito tempo sob a forma aluvionar; os minerais radioativos se encontram também, sem falar do quartzito e da mica. Por outro lado, numerosas intrusões básicas afloram nessa zona: garnierita, cromitas, amianto, o que completa a vocação industrial de que falamos.

SOLOS

Os solos que resultam da decomposição dessas rochas são de valor muito desigual; os quartzitos e os arenitos não dão senão terras pobres, mas há também o arenito calcário, os xistos, menos pobres que os quartzitos em elementos fertilizantes e, sobretudo, os dioritos, os gabros-dioritos, que produzem excelentes terras, cobertas de florestas de primeira qualidade, hoje em dia, em via de desflorestamento e exploração, na zona do "Mato Grosso" de Goiás e em via de utilização e de colonização a W.

Assim, esta zona, situada ao N-E do grande bombeamento transversal, tem uma infinidade de possibilidades industriais e agrícolas bem equilibradas; as terras mais pobres servem para a criação extensiva. Sabe-se como esta zona, hoje em dia, tem um desenvolvimento rápido ao N. de Formosa, de Goiânia e de Aragarças.

O S W DO PLANALTO

A região ao SW do bombeamento transversal é quase, exclusivamente, um planalto sedimentar, mas com o aparecimento de grandes *trapps* e *silts* de diabásio e de basalto, cujos afloramentos são, entretanto, muito menos numerosos que sobre o planalto de São Paulo.

Nessa zona sedimentar, a hidrografia depende essencialmente do grande coletor do Paraná. É em ambas as partes desse rio, e de seus principais afluentes, que afloram as grandes camadas de diabásio superpostas, que não são atravessadas senão por uma série de quedas; cada retomada de erosão vertical, tendo como conseqüência o modelado de um novo patamar, separado dos mais antigos a montante, pelas quedas, que se situam a uma distância tanto maior das confluências quanto mais importante é o rio e quanto mais fraturada e diaclasada é a rocha. Há então nessa zona quedas frequentemente altas, por vezes muito poderosas, e se começa a utilizá-las, como acontece com a famosa cachoeira Dourada, sobre o rio Paraiíba.

Não há, a par disto, nesta zona, as mesmas possibilidades de exploração mineral, mas, cada vez que aflora o diabásio, a terra roxa pode ser formada; as terras são ricas, possuindo belas florestas, em via de exploração ou mesmo já utilizadas. Por outro lado, o arenito cretáceo, com cimento calcário, dá também terras aproveitáveis, mas não figuram, senão esporadicamente, e não permanecem, senão em extensão reduzida, por causa da erosão dos afluentes da margem direita do Paraná, onde o declive é mais forte do que na margem esquerda. É a conseqüência de uma certa dissimetria do dobramento longitudinal com grande raio de curvatura que afeta essa zona.

Sobre o rebordo da grande chanfradura do Pantanal, há alguns afloramentos do complexo granito-gnáissico, mas, em geral, os areni-

tos siliciosos dominam dando terras pobres. Portanto, na proximidade dos afloramentos da série de Minas, no limite propriamente do Planalto com o Pantanal, na zona do pé da serra, a exploração de ouro e de diamantes de aluvião dão resultados muito satisfatórios. É, aliás, difícil de separar inteiramente a grande chanfradura do Pantanal e a zona do Planalto do SE. Al, onde a cobertura pré-devoniana quase desapareceu, afloram formações fortemente mineralizadas, e conhecem-se muito as jazidas de ferro e de manganês de Urucum, sem falar de outras jazidas menos importantes, sem que seja necessário insistir. A realidade de Cuiabá, o desenvolvimento rápido de Campo Grande e de Ponta Porá dão nessa região uma razão de ser para as estradas de penetração, mas, também, de ligação com São Paulo e ao longo destas estradas a colonização se processa sobre terras que não são de riqueza primordial. Por ser menos nitidamente industrial e mineira, esta parte sul-ocidental do Planalto Central tem vocação agrícola e de terras de criação, que não é desprezível e também uma vocação comercial de primeira ordem. Não esqueceremos, com efeito, que sobre esses planaltos, sem outro obstáculo considerável senão a travessia dos grandes rios, é que se estendem as vias de penetração e de ligação rodoviária e ferroviária, para a Bolívia e para o Paraguai.

O CLIMA

É difícil de ir-se mais longe nesse estudo das possibilidades, sem abordar o problema capital do clima do Planalto Central.

Pode parecer pouco razoável falar de clima, quando se trata de tal extensão em latitude e em longitude. Deve-se falar então de climas, mas há, todavia, um caráter que dá uma umidade muito maior ao clima desta região que a estrutura; é que ela está inteiramente submetida a um regime tropical continental de planalto, com duas estações bem marcadas: uma, a

umidade e o calor; a outra, a seca e o fresco. É, realmente, esse clima que determina o regime das culturas, e também da circulação. As pistas e mesmo os aeródromos de terra batida tornam-se praticamente intransitáveis durante a estação úmida, enquanto os rios, correndo na estação seca com menor profundidade, são mais navegáveis durante esta estação. Essa umidade do clima faz a umidade do Planalto Central como região natural. Há, por outro lado, matizes a estabelecer entre certas zonas do NE do Planalto Central, onde a estação seca é muito acentuada " onde se instala, nesse momento, um verdadeiro regime subdesértico e a região meridional, onde as massas de ar frio vindas do sul trazem, regularmente, um pouço de umidade durante a estação seca.

Elas, porém, trazem também a frescura, como as friagens e mesmo algumas vezes as geadas, na parte meridional extrema; sempre nesse conjunto o Planalto Central escapa a geadas, e se explica porque os cafeeiros começam a se estender a tal ponto, que já está sendo evidenciada a presença de mais de um milhão de pés, no estado de Goiás.

A duração da estação seca causa, freqüentemente, uma intermitência nos rios menos importantes e sobretudo daqueles que correm sobre terrenos impermeáveis que não guardam nenhuma reserva de água para alimentar as fontes. Sobre certos pontos, há então, problemas de irrigação muito importantes a resolver, mas nos grandes vales, onde se desenvolvem largas florestas-galerias, as culturas não sofrem falta de umidade, mesmo durante a estação seca e compreende-se, assim, o êxito dos arrozais, das plantações de cana-de-açúcar, sem falar das culturas alimentícias tradicionais e das plantações de algodão, que se estabelecem em terras mais secas.

No Planalto Central, os matizes de clima não dependem somente da latitude. Pode-se dizer verdadeiramente que a parte meridio-

nal com médias mensais aproximadamente de 18° para um ou vários meses e com temperaturas mínimas freqüentemente inferiores a 10° e algumas vezes mesmo 5°, tem um clima de caráter tropical moderado; mas na realidade a grande diferenciação advém da altitude que, combinada com a latitude, causa um grande número de gradações, por vezes, entre duas cidades vizinhas, sobretudo quando a exposição ao grande vento do sul ou do leste introduz uma ventilação que ameniza o calor tropical. O isoterma anual de 18° quase se adapta ao traçado da curva de nível de 700 metros.

Compreende-se então que os frutos da Europa Ocidental e Mediterrânea, os legumes e também os grandes cereais, como o trigo, variem a qualidade e o número de recursos do Planalto Central.

Mas, além disto, o Planalto Central tem essencialmente um excelente clima para o homem. Após freqüentá-lo 12 anos, minha atenção foi sempre despertada pela facilidade que ele oferece para as populações dos países temperados: Sentem-se as diferenças, freqüentemente muito sensíveis entre a temperatura do dia e da noite, mesmo na parte do Planalto que não ultrapassa 350 a 400 metros. O peneplano cuiabano, que não possui mais que aproximadamente 220 metros de altitude, não pertence realmente ao Planalto Central.

O clima fornece então ao Planalto Central do Brasil a vocação de um grande centro de povoamento, que encontrará nos recursos que possui grande emprego de sua atividade.

A VEGETAÇÃO

A vegetação do Planalto Central compreende duas grandes formações essenciais: os campos-cerrados, com suas formas de cerrado empobrecido ou enriquecido; cerrado limpo e cerrado coberto, que dão ensejo a uma série de variações; campos sujos, campos duros, cerradinho, cerradão, e a floresta-

galeria, que se pode estender por longas manchas, onde o solo é mais rico, a água mais abundante, o que corresponde geralmente às altitudes menores nas bacias fluviais. Existem, igualmente, florestas de escarpamento (antepero), onde a água aparece e onde a condensação da umidade atmosférica é ativada pelo relevo.

Parece que para o N, onde as florestas-galerias se unem uma às outras, formando uma zona de floresta contínua, o limite é particularmente notado. Não é assim porque existem no meio da grande floresta regiões de campos e de florestas claras, que correspondem geralmente a solos mais ingratos situados em trechos do planalto onde a umidade é menor. É o caso que observamos na serra do Cachimbo e é interessante notar-se que, seguindo os espigões, as estradas encontram menos dificuldades para atender aos pontos onde a navegação é livre de qualquer rápido ou queda sobre o Amazonas e seus afluentes. Compreende-se, desde logo, a importância dos projetos de construção de estradas do Planalto Central para a Amazônia.

Sabe-se, em todos os tempos, que estradas bem estabelecidas sobre os espigões são mais facilmente transitáveis em tôdas as estações que o fundo de vales impedidos por florestas e pântanos. É a tradição romana que retomam aqui os brasileiros, seguindo o exemplo dos bandeirantes do sul do Brasil, que chegaram pelos espigões, prolongaram o Planalto e dominaram os espanhóis do Território das Missões.

OS PROGRESSOS DO CONHECIMENTO E DA OCUPAÇÃO DO SOLO

O Brasil tomou consciência em tempo relativamente recente da vocação do Planalto Central. Durante os dois primeiros séculos os "bandeirantes paulistas" e as "entradas", partindo da Bahia e de Pernambuco, abriram na região oriental caminhos de burros, dei-

xando entre eles grandes espaços, onde permaneceram os índios que eles conquistaram e assimilaram.

Goiás não foi atingida senão em 1647 e a cidade de Vila Boa foi fundada em 1726. O primeiro estabelecimento em Mato Grosso data de 1718. A descoberta do ouro estimulou a penetração e a partir de 1736 foram estabelecidas comunicações sobre o Planalto entre Goiás e Cuiabá.

É na primeira metade do século XIX que as expedições científicas fixaram os traços gerais do Planalto Central, pois, sob o Império, fez-se verdadeiramente, um esforço de valor com os estudos sobre a navegação dos rios. O Planalto veio a ser também mais bem conhecido, devido às expedições militares e aos movimentos de tropas na guerra do Paraguai, que fez sentir sua importância estratégica para o Brasil. No século XX, as expedições do general Rondon, para a construção da linha telegráfica, a criação do Serviço de Proteção aos Índios, a ação das missões religiosas, penetraram mais ainda nas possibilidades do Planalto Central. Malgrado esses esforços, no momento em que se iniciou a 2ª guerra mundial, o limite de penetração havia parado na margem direita do rio Araguaia e sobre o rio, depois do declínio da colheita da borracha, houve um recuo nítido do movimento vindo do Amazonas.

Foi em plena guerra mundial que se retomou a palavra de ordem do presidente Vargas: a marcha para Oeste. A partir desse momento, os esforços se produziram incansavelmente. A construção de estradas de rodagem e de ferrovias, no estado de Goiás, a organização do Correio Aéreo Nacional e a fundação de Goiânia, são verdadeiros atos de fé no destino do Planalto Central, inteiramente confirmados hoje, pois que as previsões de desenvolvimento da cidade têm sido largamente ultrapassadas.

Em Goiânia, há uns 12 anos, por ocasião da Assembléia Geral do

Conselho Nacional de Geografia, eu mesmo compreendi, pela primeira vez, a vocação do Planalto Central, quando assistia a um cerimonial cívico de grande significação, que marcou o batismo cultural da nova capital.

Depois, o esforço não cessou: foi a fundação de novas cidades, o aproveitamento do "Mato Grosso" de Goiás, a utilização das quedas d'água etc. . . .

A pesquisa do sítio da nova capital federal do Brasil foi acompanhada por uma série de estudos sobre o terreno e sobre fotografias aéreas, que permitiram o conhecimento das possibilidades da região sul-oriental do Planalto Central. Eu tive a honra de participar dela, conduzindo uma missão de geógrafos do Conselho Nacional de Geografia.

O governo de Mato Grosso tem, por sua vez, continuado um esforço notável na construção de estradas para Goiás e São Paulo e para a Amazônia. Ao mesmo tempo, a fundação de cidades, escolas, de centros sanitários, operam uma verdadeira revolução nessa região do Planalto Central. Nós tomamos conhecimento disto, no ano passado, na Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros em Cuiabá.

Os estudos científicos, conduzidos pelo Conselho Nacional de Geografia e o Departamento Nacional da Produção Mineral, incentivaram as grandes possibilidades oferecidas por essa região.

A construção da estrada de ferro NW e seu prolongamento para o Paraguai e a Bolívia, cria novas correntes de intercâmbio.

No mesmo estado, a Fundação Brasil-Central em ligação com a FAB começou uma penetração sistemática em direção de Manaus, da qual eu pude, nesses últimos dois anos, apreciar os extraordinários resultados: descobrimento de terras praticamente desconhecidas, novos contatos com as populações indígenas dos confins do Planalto Central e da Amazônia; pacificação dos Xavantes, fundação de co-

lônias agrícolas e de novas cidades, como Aragarças e Xavantina. Não é exagero dizer que futuramente recursos minerais importantes virão completar esse quadro, porque os afloramentos da série de Minas, do qual tivemos a prova permitem muitas esperanças.

A este quadro é preciso ainda acrescentar a obra da Comissão do Vale do São Francisco, no limite oriental do Planalto Central, porque ela prepara com suas estradas a melhor ligação do Planalto com o este e o nordeste do Brasil. É importante lembrar, também, que a Comissão de Valorização Econômica da Amazônia e, muito recentemente, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, fundado pelo Conselho Nacional de Pesquisas, dão a certeza de que a ligação, de tanta importância e tão promissora de intercâmbio entre a grande floresta e o imenso espaço dos campos, se fará nas melhores condições de utilização dos recursos naturais.

A conjugação de tantos esforços, a instalação de indústrias para a transformação dos produtos da cultura e da criação e também para concentração e até mesmo para utilização dos minérios, vão provocar o aparecimento e o desenvolvimento de novos centros urbanos, que ativarão a produção agrícola e a colonização, assegurando um consumo local importante.

OS PROCESSOS DECISIVOS

Já hoje em dia, de todos os pontos do litoral oriental, as estradas convergem na direção do Planalto Central. Os caminhões circulam sem parar: os itinerários, que pareciam uma aventura há doze anos e que eram ainda difíceis há 7 anos, tornaram-se de prática comum. Os aeródromos multiplicam-se, melhoram-se os mais antigos; eles permitem os reconhecimentos e a construção de novas vias de penetração para W, NW e o N. Missões fotográficas aéreas freqüentes dão as bases para a co-

lonização e para a pesquisa dos melhores traçados das estradas, das barragens a implantar e dos novos recursos minerais. A geografia aplicada à planificação encontra aqui todo o seu uso.

Linhas aéreas internacionais de grande extensão atravessam hoje o Planalto Central, tendo La Paz, Lima, Manaus, as Caraíbas e os Estados, como destino.

Está se construindo um importante aeroporto no mais setentrional dos contrafortes da serra, ou melhor, da chapada do Cachimbo, para suprir a linha aérea direta que vai do Rio de Janeiro a Chicago, via Manaus.

Chega-se ao Planalto Central do Pará pelo NE, da Bahia, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, de São Paulo e dos estados do sul. Ali, as particularidades regionais se juntam primeiro e depois se fundem. É uma verdadeira chamada de homens que têm o gosto da empresa e que repetem num outro plano as proezas dos bandeirantes. A Europa mesma traz sua contribuição. Nas empresas, os capitais formados no Rio e em São Paulo acham onde se empregar, enquanto as indústrias paulistas e cariocas ou as de Minas Gerais instalam, ao mesmo tempo, centros de consumo para os seus produtos. O contato está estabelecido por estradas a partir de Cuiabá, de Aragarças, de Anápolis, com a floresta do norte, donde se traz a borracha e outros produtos de colheita e de cultura. A grande rodada E-W de Formosa a Cuiabá assume a ligação de todas essas estradas que chegam do Sul e é o ponto de partida das novas estradas de penetração em direção do N e do NW. Quando a construção das estradas, que devem atingir diretamente Belo Horizonte, Bahia, Recife, estiver terminada, o Brasil deixará de ser uma espécie de arquipélago continental, onde os centros de colonização do litoral estão ligados por mar e ar. É vocação do Planalto Central estabelecer as intercomunicações entre as capitais das fronteiras marítimas e terrestres.

A CHAMADA DA VOCAÇÃO

Talvez agora entenda-se melhor o que é a vocação do Planalto Central do Brasil. As grandes chapadas facilitam as comunicações em todas direções, os níveis intermediários bem drenados oferecem terrenos e sítios de fazendas e de cidades. Alguns solos de grande riqueza e outros que podem ser utilizados por irrigação, permitem culturas ricas e criação intensiva. Uma verdadeira reserva de carne, um abastecimento rico de cereais e de legumes, a fundação de indústrias alimentícias, que reduzem o peso a transportar, preparam um grande movimento de comércio para os centros de consumo e de exportação do litoral oriental.

As retomadas de erosão, criando gargantas epigênicas nos quartzitos e entalhamentos fundos nas diabases, prepararam sítios de bar-

ragens, que asseguram uma excelente reserva de energia elétrica e de abastecimento em água potável. Os recursos minerais, cuja descoberta progride cada ano, assegura outras possibilidades cuja amplitude é difícil apreciar e dominando todas essas vantagens um ótimo clima permite ao homem uma ótima expansão.

A vocação do Planalto Central resulta de todo esse conjunto de vantagens que ele oferece à iniciativa brasileira e, formando uma faixa de vias de acesso chegando do litoral para irradiar depois em direção da Amazônia o impulso dos grandes centros de cultura e de indústria do NE, do E e do S, que se desenvolveram prodigiosamente nesses últimos anos, ele assegura a unidade do Brasil. Quando a instalação da capital federal sobre o Planalto Central for realizada, poderá dizer-se que ele terá plenamente respondido à chamada da sua vocação brasileira.

CHURRASCARIA E BOITE RANCHO ALEGRE

SITUADA NO CUBANGO (TIJUCA DE NITERÓI), A "CHURRASCARIA E BOITE RANCHO ALEGRE" É UM ESTABELECIMENTO DE DIVERSÕES QUE SE DESTACA NÃO SOMENTE PELO APRIMORAMENTO DE SUAS INSTALAÇÕES COMO TAMBÉM PELO ESMERO DE SUA COZINHA. POSSUINDO, AINDA, UM MAGNÍFICO SALÃO DE BAILES, A "CHURRASCARIA E BOITE RANCHO ALEGRE" CONSTITUI MOTIVO DE ATRAÇÃO CONTÍNUA A DEZENAS DE PESSOAS QUE ALI PASSAM SUAS HORAS DE RECREIO — ÓTIMO SERVIÇO DE BANQUETES PARA CASAMENTOS, ANIVERSÁRIOS, FORMATURAS, ETC.

Rua Des. Lima Castro, 367 - Cubango — Tel. 2-3282 - Niterói